

João Vale Ferreira

DICIONÁRIO
UMA PALAVRA OU EXPRESSÃO
PARA CADA LETRA



João Vale Ferreira
1973



34.3-1Ferreira,



João Vale Ferreira

Nasceu, em 1 de Fevereiro de 1940, em Lijó-Barcelos e faleceu, em 29 de Abril de 2007, em Barcelos.

Professor, poeta e jornalista, dedicou-se, com paixão e afinco, a estas actividades, que exerceu com assinalável notoriedade.

Exerceu a actividade docente no Ensino Preparatório, Secundário e Superior.

Licenciado em Humanidades Clássicas pela Universidade Católica Portuguesa. Possuía ainda os seguintes cursos superiores: Teologia e Equiparação à Licenciatura em Filologia Clássica

Pós Graduado em Direito de Comunicação pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.

Possuía o Curso de Introdução à Museologia realizado na Faculdade de Filosofia de Braga da Universidade Católica Portuguesa.

Concluiu cursos intensivos de jornalismo, no Centro de Formação de Jornalistas do Porto e na Universidade Católica.

Ministrou acções de formação a professores e a jornalistas.

João Vale Ferreira

DICIONÁRIO
UMA PALAVRA OU EXPRESSÃO
PARA CADA LETRA

Barceliana

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Nº 55043

43589

Edição da Tertúlia Barcelense
2007

Lenin

Autor: João Vale Ferreira
Edição: Tertúlia Barcelense
Capa: Carlos Basto
Design: Undergraph
Impressão: Coraze
Depósito Legal: 260965/07
ISBN: 978-972-9138-60-7
Data: Julho de 2007

A Tertúlia Barcelense agradece ao Sr. Carlos Basto, à Undergraph, na pessoa do Sr. Pedro Cunha e à Coraze, na pessoa do Sr. Eduardo Costa, as facilidades concedidas para a publicação deste livro.

PREFÁCIO





Prefácio

*Deixa o Inverno de lado.
Não queiras a covardia:
Ouve o meu verso, o meu brado,
Ama o Canto, a Cortesia...*

“Agora”, in *Calimeras*, 2001

Numa última homenagem à vida e aos seus inúmeros amigos, quis Vale Ferreira dedicar-nos um livro sob a forma de dicionário.

Obra de referência, livro útil, o dicionário consulta-se quando necessitamos de saber algo mais sobre uma palavra ou sobre um assunto, ou mesmo quando temos dúvidas ou desconhecemos o seu verdadeiro significado.

Neste livro seleccionou palavras e expressões, ora sob a forma de prosa, ora sob a forma de poesia, que lhe pareceram mais adequadas à transmissão de uma mensagem para os vindouros.

Vale Ferreira foi sempre um cultor da palavra. Os seus textos andaram, desde muito cedo, ligados ao homem, ao professor e ao jornalista.

Todos se recordarão ainda dos seus discursos, escritos num português correctíssimo, bem estruturados, imaginativos, pronunciados com eloquência e vitalidade. A sua capacidade oratória tinha uma importância determinante na sua vida pública e privada, impondo-o à consideração de todos pela palavra.

Mas, se na oralidade se revelava um mestre, mesmo na linguagem do dia a dia, fosse em que situação fosse, quer dialogando com o empregado de mesa, quer com o juiz, exercendo um fascínio que seduzia e encantava, era na poesia que se encontrava consigo mesmo, que conseguia expressar de forma sublime o seu sentir e o seu pensar.

A poesia para Vale Ferreira estava “carregada de silencioso misté-

rio e sedução”. Era “como uma rosa de cujas pétalas centrípetas emana a beleza e o mais intenso perfume, sem nunca prescindir da defesa vigilante dos seus espinhos”. Era a expressão das origens, a densidade do silêncio, mas também a resolução da história, dos encontros e das promessas. Era lugar de aventura e de debate espiritual. Não obedecia a qualquer escola, nem a qualquer época, nem a qualquer raça.

Para exorcizar as mentes descrentes, gostava de regressar, por vezes, à infância, um tempo difícil, de pobreza, de racionamentos, de falta de afectos:

*Sem brinquedos, sem contos de fadas,
Respira suavemente o poema...
Contemplo minha infância distante,
Como quem não resolve um teorema...*

Como todos os grandes poetas, Vale Ferreira nasceu poeta. Naturalmente que se deixou impressionar pelo bucolismo da sua terra natal – Lijó, pelos ares contemplativos das margens do Cávado, pela imponência do património e quietude da cidade antiga, onde grandes vates barcelenses como Garcia de Guilhade, Martim de Ginzo, José António Bezerra, os irmãos Malheiros, António e Alberto, António Fogaça, Alfredo Carvalhães, Arnaldo Braz, Marques de Azevedo, Manuel Terroso e, mais recentemente, António Baptista, Luís Fortuna, Miguel de Negreiros, Maria das Dores, Justino, Fernando Pinheiro, Joana Luísa, Óscar Carvalho, José Manuel Veiga, Eduardo Carvalho, Cândido Sobreiro, Jorge da Silva Oliveira, Francisco Carmelo, Bernardete Costa, Maria Jeracina e Alberto Serra, entre outros, encontraram as suas musas inspiradoras.

Na verdade, ser poeta é criar e só a poesia consegue a libertação dos homens e da humanidade.

A poesia de Vale Ferreira proclama o homem novo, defende a harmonia entre as pessoas, retrata a felicidade, a amizade, a ternura, a cortesia. Proclama um estilo de vida baseado nas leis que Jesus Cristo entregou a Moisés.

Assenta sobretudo na condição humana e na sua desdita e, por

isso, era um arauto de tudo o que pudesse tornar o homem e a mulher felizes.

Era, de facto, o poeta das “Calimeras”, dos belos dias, dos bons dias:

Oiço, sempre, dia-a-dia,
Poemas de primavera:
Versos ledos de bom-dia,
Ternuras de calimera!

Mas, também, se preocupou com as injustiças humanas, com a desfaçatez, com a hipocrisia, com a traição, e com a guerra:

Choram as ruas de Bagdade
Os lírios perdidos
No breu do martírio...

Era como se a vida se passasse na ágora grega ou no fórum romano, na boa convivência social, no respeito pela ética, na prática dos bons costumes, na arte de bem escrever e de bem falar em público, enfim na defesa da cultura e da literatura, em que os homens tinham necessariamente de ser felizes e amigos:

Hei-de deixar
Na memória do poema,
Estes versos,
Feitos de universos
De um festim
Que gerei dentro de mim!...

O seu “Dicionário” começa com a palavra “Alegria”, um magnífico texto em prosa que define bem o perfil do autor, que transmitia alegria, mas que gostava, também que os outros o fizessem, citando a célebre frase de Urteaga: “Não te riste ontem nenhuma vez? Desperdiçaste o dia.”

Continua com “Brasil”, o primeiro poema, dedicado a um país

que bem conhecia, sobretudo a região de Santos e de São Paulo, onde tinha inúmeros amigos e onde, em Dezembro de 1995, fez o discurso comemorativo do centenário do Centro Português de Santos.

Especialista de etimologias, morfossintaxe, semântica e estilística do Português, nutria pela língua pátria um amor especial e sofria quando a via maltratada. Por isso, quis dedicar-lhe “Quem Defende a Língua Portuguesa?”, língua que deu ao mundo o maior poeta de todos os tempos, Luís de Camões, que tanto ensinou, divulgou e amou.

A Provedoria do Senhor da Cruz marcou-o profundamente. Contribuiu para o crescimento da sua devoção. Fez a letra de um hino ao “Jesus” que proclamou “Pontífice da minha terra” e “Guia do Sol, do Encanto e da Epopeia”.

Foi um “Dever cumprido”, com dedicação, fervor e paixão.

O Círculo Católico que ajudou a sair da letargia, nos anos 90 e a imprensa escolar, para a qual contribuiu, poderosamente, ao fundar cinco revistas: “Farol”, “Amanhecer”, “Avenida do Minho”, “Diferença” e “Olhares”, mereceram-lhe sempre um carinho e uma atenção muito especiais.

Profundamente nacionalista, o seu amor à pátria levou-o a escrever o tema “Portugal”, num hino ao 1 de Dezembro de 1640, à morte dos traidores e ao triunfo da soberania nacional.

Não quis ainda deixar de dedicar um cântico à escola que tanto amava e a que dedicou a maior parte da sua vida, e onde fez bons amigos, entre professores, alunos e funcionários.

*Minha Escola, meu verso de poente,
Minha canção de sol inebriante,
Vou deixar-te, no sonho alvinitente
Da ternura da tarde fascinante.*

Também não esqueceu o latim, que tanto prezava, e que tanto ensinou, criando mesmo uma página literária, “A Via Clássica”, num semanário local:

*Ai, o Latim!
O Estado pouco o deseja.
É este o nosso fadário.
Porém, hei-de acalentá-lo
Nas ondas do calendário.*

Quis consagrar o poema “Xênia” aos pobres e aos abandonados, a quem abraçou e cumprimentou e de quem recebeu lições.

Não cabe aqui fazer uma análise exaustiva de toda a obra de Vale Ferreira, construída em mais de cinco livros e em antologias e divulgada em muitas publicações periódicas regionais. Diremos, todavia, que o homem e o poeta se confundiam, numa relação sincera e digna, numa simbiose perfeita, entre a criança que nunca deixou de ser e o homem que almejava por uma sociedade perfeita e justa, em que a felicidade, a ternura e a amizade fossem denominador comum.

A sua terra Lijó, onde viveu, no lugar do Mosqueiro, e onde agora dorme o sono dos justos, estava-lhe sempre no coração, o que é expresso em vários poemas que lhe dedicou: “O Largo da Infância”, “Árvores da Minha Aldeia”, “Regresso”, “A Mãe da Minha Terra”, “Lijó” e num texto, aqui publicado, que enaltece as qualidades de um verzejador popular que escreveu a história de Lijó em “Cantigas”.

Tal como afirma no poema “Regresso”, ainda hoje o recordamos a dirigir-se para a sua terra mãe:

*Volto sempre, dia e noite,
À pureza das origens:
Treze árvores me saúdam,
Sem receio de fuligem!*

Barcelos, 29 de Maio de 2007
Victor Pinho

DICIONÁRIO



A ALEGRIA

Leitor,

Há dias, ao calcorrear as ruas da minha Cidade e ao atravessar caminhos do meu Concelho, pensei muito na *alegria*.

Não esqueci o valor de um sorriso, quando estive no hospital, na escola e na repartição.

Fitei pessoas. Observei o condutor intolerante, o rosto furibundo do Pinto, na televisão, no momento do soco. Estive atento às imprecizações de uma mulher que, sem razão, dizia impropérios aos filhos e ao marido. Vi o pai que, mesmo cumulando de atenção e de carinho pelo rebento, mostrava-se sorumbático, cabisbaixo e taciturno. Reparei no petiz que, na pastelaria, depois de receber o bolo das mãos da mãe, o agradeceu com um grito de raiva, atirando-o para o chão.

Olhei atentamente para os rostos dos estáticos e dos transeuntes. Quase todos tão tristes!

Mas, afinal, que é feito da alegria? Interroguei-me.

Congeminei também: a alegria é séria!

Porquê tanta expressão cinzenta? Que “feitiço” aflige tanta gente? Que mágoa dá cobertura à ausência de sorriso?

Será que o ressentimento, a petulância e a agressividade vão colocando máscaras em muitos seres humanos?

Precisam de sorriso, de alegria, de bom humor.

Ontem, jantei, no Porto, com um médico distintíssimo.

Falámos de saúde e de doença, dos sintomas físicos e dos males do espírito.

“Dr., - dizia-lhe quase no fim da refeição – é necessário que o médico fale da alma, nos dias de hoje! A psique tem grande influ-

ência no corpo. E este tem de responder aos seus medos, às suas neuroses, às suas psicastenias...”

“Realmente, - respondeu – o mal-estar da psique vai arruinando o corpo, expondo-o a doenças, por vezes, esquisitas...”

A alma! Um tema, irrefragavelmente, actualíssimo!

Do Porto a Barcelos, pensamentos bem saudáveis iam povoando a minha hipófise.

Hoje, logo de manhãzinha, recordei a pergunta e o comentário de Urteaga, em “O Valor Divino do Humano”:

“Não te riste ontem nenhuma vez? Desperdiçaste o dia.”

BRASIL

Brasil do sonho alegre de menino,
Do desejo escaldante de te ver:
Guardo-te no baú do meu destino,
Na rota do emergir, do bem-querer!

Emballo-te no berço do sorriso.
Engomo-te no imenso da Epopeia.
Pulso-te no finito do improvisado.
Horizonto-te em fina melopeia.

Hei-de ler-te, de novo, num sumário,
Num sol de Guarujá ou S. Vicente,
No labor de São Paulo, itinerário
De um mundo de quimera reluzente!

Hei-de dar-te o abraço da ternura,
Minha Santos, meu verso de luar:
No Centro Português, padrão de alvura,
Reflexos de mimosa hei-de deixar...

CÍRCULO CATÓLICO

A Bruma de Oitenta

E o Sol de Noventa

Há 104 anos o Padre Bonifácio Lamela lança o Círculo Católico de Operários de Barcelos.

Foi a grandeza para as gentes de Barcelos.

Continuará a ser.

Mas... há vários mas, ao longo da História... como em tudo.

Na década de 80, o Círculo Católico conhece um período de profunda estagnação.

E em 1990, a Assembleia não funciona. A Direcção cai no frágil. O Clero não quer saber da Instituição.

O presidente Leal Pinto e o tesoureiro Francisco Mano lutam contra a apatia.

Algumas pessoas, em 1990, solicitam-nos ajuda para combater a inércia de que o Círculo estava a enfermar.

Aceitamos o desafio.

Escolhemos Manuel Barbosa para Presidente da Direcção. Propomos o Dr. Sá Araújo para chefiar a Assembleia e o Fernando da Conceição Gonçalves para a presidência do Conselho Fiscal.

Ficamos apenas com a Vice-presidência do Executivo.

A estagnação começa a ser invertida. Avança-se, sem demora, para as obras da sede. Organizam-se outras iniciativas sociais e culturais.

Refira-se que, nesta década, o Círculo Católico já começa a contar com o dinamismo do Dr. Vítor Pinho, Joaquim Brito, Francisco Correia, Perfeito Brito, Eng. Carlos Martins, Abílio Vieira, José Campinho, Manuel Reis, Francisco Mano, Conceição Lourenço, Domingos Ferreira, António Madeira, António Sousa Costa, Padre Areias da Costa e outros.

DEVER CUMPRIDO**Real Irmandade**

Suei para dizer sim.
Sem uma grande coragem,
era impossível esta aceitação.

Acabo de apresentar a lista credível.
Os meus companheiros da reunião acharam-na de classe.

Só espero que o que, hoje, me foi dito, seja asseverado, no
final (daqui a três anos)
Estaremos todos para servir.

15.09.2003

Ir ao Senhor da Cruz

Diariamente, de manhã e de tarde, desde que há dois funcio-
nários, sempre o Provedor ia ao Senhor da Cruz.
Era imperativo que isso acontecesse.
Quem não entende isto?

ESPERA

Ando a gravar
No Sol
A Poesia...

Amo a cantar
O escol
Da energia...

Para quando, poeta, a epopeia,
A grandeza da seiva sossegada?
Para quando a meiguíssima colmeia
Da ternura sem par, de consoada?

FAROL: UM SABOR A EPOPEIA

Há 22 anos, Viana do Castelo sentia a inópia de as suas Escolas não terem penetrado no Meio.

A então já categorizada Escola de Monserrate quis dar passos seguros, nesta linha.

Nessa altura, como hoje, este Estabelecimento de Ensino possuía uma plêiade de docentes de grande classe. Seria mais ou menos fácil, a partir da ciência e pedagogia dos professores, entusiasmar alunos e funcionários.

Nasce por isso, em 1980, o binómio Escola – Colectividade.

O quadricentenário da morte de Luís de Camões motivou, nesse ano, uma série eloquente de actividades da Escola de Monserrate.

Dizia, há dias, um ainda docente da prestigiada Escola: - “Nessa altura, a Escola mexeu.”

Teve, por certo, muitos outros momentos de glória.

Sem financiamentos nem subsídios do Estado e, por vezes, sem disponibilidade de tempo, há 22 anos, um grupo de professores consegue levar a bom porto um conjunto de acções didáctico-pedagógicas.

Aparece, aqui, a ideia de uma revista. Responsabilizámo-nos pelo projecto. Gostaram dele. Incentivaram-nos a organizar a publicação.

Tornou-se fácil a escolha do nome. Brotou, à primeira.

Naturalmente, naquela escola concreta, junto do mar e na linda Viana, apresentava-se um título carregado de simbolismo.

Defendemos o formato - A4 -, o numero de páginas e o conteúdo. Os objectivos eram lógicos:

- a) dinamizar a escola;
- b) educar para a feitura de textos;
- c) estimular a aprendizagem de Português e da Comunicação Social;

- d) difundir a Cultura, espevitando potencialidades;
- e) proteger os Valores;
- f) interiorizar a realidade, a fim de melhor se agir sobre ela.

Farol entraria nos lares dos Encarregados de Educação...

Nesta hora alta de *Farol*, desta Barcelos, endereçamos os merecidos parabéns aos Directores, Redactores, Administradores e Colaboradores.

Enaltecemos TODOS AQUELES que, ao longo dos anos, concorreram para o prestígio ascendente da Revista.

Sabe bem ao criador vê-la crescida, pedagógica e encantadora,

Sabe bem sentir que a ternura, posta na confecção do primeiro número, e o rumo traçado pelo fundador ainda se mantêm. E já passaram 22 anos!

Obrigado.

GOSTOS E CONTRAGOSTOS

P - Como se define?

R - Uma pessoa simples, modesta, trabalhadora, criadora, alegre, sincera, humana, tolerante, meiga e exigente consigo.

P - É casado? Tem filhos?

R - Não sou casado, nem tenho filhos.

P - Gosta da sua profissão? Porquê?

R - Gosto imenso. Para quem não tem vocação, julgo ser das profissões mais difíceis do mundo.

O professor não pode ser apenas o instrutor. Terá de ser, acima de tudo, o educador.

Convém, por isso, que o docente, para atingir estas duas vertentes, tenha, de forma inequívoca,

- competência
- firmeza
- amizade

Se os alunos, ao fim de três meses, não souberem o nome do professor, é mau sinal.

Ou ele é pessoa indiferente para os discentes, e, por isso, não sabem um único dos seus nomes; ou, então, no caso de intolerante, é conhecido por *alcunha*.

P - Tem a profissão que sempre desejou?

R - Tenho uma das quatro profissões almejadas
Também gostaria de ser

- Actor
- Advogado
- Locutor — apresentador da rádio e da televisão

P - Figura pública que mais admira?

R - Actual: João Paulo II.

Passado: João XXIII e S. Francisco de Assis.

P - Figura pública que não aprecia?

R - Nunca aprecio alguém quando a vaidade e o dinheiro lhe sobem à cabeça.

Daí que haja ainda figuras públicas com alguma dose de insensatez.

P - Que recordações guarda da infância?

R - Guardo e sinto tudo aquilo que foi

- argamassado no amor;

- trabalhado na delicadeza e na correcção.

P - O que o preocupa?

R - A falta de Amor, no mundo.

P - O que o irrita?

R - A traição e a desonestidade.

P - O que o faz rir?

R - O encanto da vida e a consciência tranquila.

Dão paz e alegria.

O sorriso franco assente nestes dois pilares.

P - Modelo de mulher/homem?

R - SÓ MULHER:

1 - inteligente;

2 - bondosa;

3 - meiga;

- 4 – humilde;
- 5 – calma;
- 6 – culta;
- 7 – trabalhadora;
- 8 – sorridente/alegre;
- 9 – digna;
- 10 – responsável/exigente;

P - É sentimental?

R - Muito. Basta ler os pobres versos, que às vezes, tento fazer.

P - Qual é o seu clube de futebol?

- R - Lijó FC
- Gil Vicente
- Sporting

P - O que não suporta?

R - A malvadez do que paga o bem com o mal!

P - Uma noite ideal?

R - Nunca a conseguiria
O ideal é inatingível.

P - Um sonho?

R - Sonhei, há dias, que tinha acabado o ódio, no mundo.
Agora, apenas o Amor.

P - Uma paixão?

R - Ser útil aos meus e à sociedade.

P - Destino de férias?

R - Brasil ou Grécia.

P - Vê muita televisão? Que programas prefere?

R - Vejo, sobretudo as notícias dos telejornais.

P - Ouve muita rádio?

R - Oiço pouca. Começarei a ouvir mais.

P - “Ler jornais é saber mais” – segue esta máxima?

R - É uma máxima sagrada para mim.

Por vezes, leio seis e sete jornais, num só dia.

Aprecio

a) a informação

b) a formação

c) a diversão

P - Gosta de cinema? Qual o filme que mais gostou?

R - Aprecio pouco.

O melhor foi Ben-Hur.

P - A melhor coisa que já lhe aconteceu na vida?

R - O ter nascido.

P - Já alguma vez lhe aconteceu alguma situação surrealista/engraçada?

R - Muitas.

Só não refiro uma única, porque necessitaria de tempo dilatado, para contar umas vinte ou trinta.

P - Política: gosta/não gosta?

R - Francamente, não gosto!

Por isso, nunca aceitei convites, para pertencer a partidos.

P - De que é que não prescinde?

R - Não prescindo de (apenas) dez elementos:

1º DEUS

2º AMOR

3º AMIZADE

4º EDUCAÇÃO

5º ALEGRIA

6º CARÁCTER/PERSONALIDADE

7º LÍNGUA PORTUGUESA ESCRITA E DA INTERVENÇÃO
ORAL

8º JORNALISMO, DIREITO DA COMUNICAÇÃO E LÍNGUAS
CLÁSSICAS

9º CARRO

10º RAZOÁVEL GASTRONOMIA

P - Prato preferido? Prato que detesta?

R - Bacalhau.

Não tenho prato algum que deteste.

Gosto menos, por exemplo, de solas e tripas com feijão.

HEI-DE DEIXAR...

Hei-de deixar,
Na curva do tempo,
Ou na outra margem do sonho,
Reflexos de mimosa,
Enfeitados de risonho...

Hei-de lutar
Pelo gesto sem mágoa,
Na profundidade da hipófise...

Hei-de escrever
No granito,
Fustigado,
Abençoado,
Por mil sóis, por um cântico infinito,
A ternura das giestas,
As vias,
As moradias,
Onde se esbatem as festas...

Hei-de deixar,
Na memória do poema,
Estes versos,
Feitos de universos
De um festim
Que gerei dentro de mim!...

IMPrensa ESCOLAR

1. Importância

Não sei fazer discursos. Venho, aqui, para apenas dar um pequeníssimo contributo sobre a imprensa escolar.

Gostaria de assentar, antes de mais, que uma Escola sem nenhum meio de comunicação está votada ao demasiado simples, à falta de garra e ao pouco nível educativo.

Falo disto, por experiência. Ainda hoje, volvidas várias décadas, os antigos alunos e alunas falam, com orgulho, destas experiências no jornalismo.

2. Vertentes

É necessário que a imprensa escolar tenha estas vertentes:

1. informativa;
2. formativa;
3. recreativa.

Mas — permitam-me — para que os discentes de Jornalismo gostem a sério de estudar e praticar, torna-se urgente que o **monitor** não seja demasiado formal.

Por outras palavras, tem de organizar actividades em que o candidato a jornalista sinta o encanto, o fascínio.

E isso não é difícil...

Os encontros/aulas têm de ser vivos, penetrantes.

É fundamental o entusiasmo.

É fundamental o domínio das matérias.

É importantíssimo levar a cabo acções que provoquem notícias, reportagens, entrevistas, crónicas, poemas.

Meus Amigos,

É urgente que, nas escolas portuguesas, se ensine:

- Português autêntico (o de Camões)
- Português que sirva a Comunicação Social
- Português que sirva o falante
- Português que ajude a utilização da escrita e da leitura
- Português da conotação, do poema.

3. Jornal ou Revista

«O jornal é arroio que desliza e passa; o livro é lago que colige e guarda»

Padre Senna Freitas

À publicação dever-se-á dar um nome

sugestivo
de grande significado.

Terá sempre a ver com alguns factores.
Por exemplo,
com a idade dos alunos,
com o meio onde a escola se insere,
com a evolução dos conhecimentos,
com a formação,
com o empenho gradual dos membros do estabelecimento de ensino,
enfim, com a unidade das disciplinas, etc.

Daí que o título do jornal possa ser um vocábulo ou vocábulos

denotativo (s)
ou
conotativo (s)

Afirmo, em abono da verdade, que escolher o nome de uma publicação escolar é assaz difícil. A não ser que se opte, sem cuidado, por um título trivial.

Antes da fundação da revista **Amanhecer**, em 1982, da Escola Secundária de Barcelos, trazia comigo, em carteira, mais de 80 nomes.

E acabou por ficar, por votação, o que parecia mais sugestivo.

Estatuto Editorial

O jornal ou revista deve apresentar os objectivos.
Não pode aparecer ao público, omitindo-os.

Características

As características fundamentais de qualquer publicação terão de ser:

a) Actualidade

Mesmo uma publicação de escola, tem de ser actual.
Terá de informar sobre tudo o que é mais recente.

b) Periodicidade

Como qualquer publicação, um periódico de escola deve ter meses ou horas de saída.

c) Difusão

Um meio de comunicação deve ser útil a toda a gente.

JUIZ E BISPO

Juiz e Bispo não são substantivos sinónimos. Quem duvida? No entanto, um e outro apresentam-se de respeito, na linha de grandes autoridades.

Raramente, se encontra um homem a quem o povo atribua estes como alcunhas.

Naturalmente, há alcunhas de que os “beneficiados” gostam!

Conheci homens a quem puseram “nomes” de maravilha: doutor, mestre, super, poeta...

... E os “detentores” apreciavam! Pudera!

Hoje, terei de falar de um pedreiro a quem atribuíram duas alcunhas invejáveis: juiz e bispo!

E a alegria com que delas falava!

Estou a vê-lo, certo dia, a contar dois contos em moedas de um escudo!

- Dez escudos! Estes são do juiz!

- Dez escudos! Estes são do bispo!

E por aí adiante!

Eu era muito pequenino! Seis ou sete anos!

Fartei-me de rir!

LATIM

Ai, o Latim!
Já o canto desde a aurora,
Por mais absurdo que seja.
Trago-o vivo no escaninho
Da minha alma benfazeja.

Ai, o Latim!
Amanhece na Assembleia.
Pulula no deputado,
Palpita na língua lusa...
... Mas tem ar de mutilado.

Ai, o Latim!
O Estado pouco o deseja.
É este o nosso fadário.
Porém, hei-de acalentá-lo
Nas ondas do calendário.

MULHER

Das coisas mais lindas e mais encantadoras que há na vida é, sem dúvida, o eterno feminino.

É a mulher essa obra-prima do genial e divino Artista – Deus –, que fascina, eleva e enleva,

o espírito do homem
o coração do homem,
a ternura do homem,
a inteligência do homem.

A mulher só encanta e seduz uma mente sadia e um coração, quando traz na alma o germe do poema,

a grandeza da vida,
o bom humor do Evangelho,
a melodia da tolerância,
a sensatez do seu peregrinar pelo mundo,
a infinita pulcritude da personalidade.

Daí que o tema mulher tenha sido abordado pelos poetas, pelos prosadores, pelos jornalistas, pelos pensadores, pelos filósofos, pelos que regem os destinos dos povos, ao longo dos séculos, em todas as latitudes.

Em relação à mulher, foram redigidas, até aos nossos dias, páginas verdes, cor-de-rosa, azuis e vermelhas. Mas também páginas cinzentas, desbotadas, pálidas, frágeis....

Da mulher falaram, com ênfase, nomes sonantes como Luís de Camões, Luís António Verney, Eça de Queirós, Miguel Torga...

Os livros da Bíblia falam da mulher, das qualidades que deve possuir, dos defeitos que não deve ter.

Encontrei, por exemplo, há dias, no famoso livro dos Provérbios, este pensamento deveras fabuloso, que é de uma irrefragável actualidade:

«Uma mulher bonita mas insensata é como uma argola de ouro espetada no focinho de uma porca».

O livro dos Provérbios, porém, no último capítulo, elogia a mulher exemplar:

«Quem poderá encontrar uma mulher de valor?

O seu preço é muito superior aos das pérolas».

«Fortaleza e graça são os seus adornos; sorri perante o dia de amanhã.

Abre a boca, com sabedoria, tem na língua instruções de bondade».

**NO SOL
DO ENTARDECER**

Senhor

Venho pedir-Te empenho,
Mil loas de luar,
E versos de encantar
Prò sol do entardecer!

Solicito-te Amor,
Melodias de seiva,
O terreno da leiva,
O azul-partitura!

Que haja, nesse poente,
O suave e o divino,
A manhã em violino,
O Natal mais a Páscoa!

OPÇÃO

Gostaria de acordar
As giestas da ternura
Por detrás do meu pomar.

Hei-de, um dia,
Em melodia,
Suspende
A neblina, o silêncio enfatado,
A aparência, a hipocrisia...

Impedirei de singrar
A silva que só magoa,
O pardal que só destrói,
Os versos corroídos da ilusão;
A loucura de um sol entardecido,
O ocaso sem regresso, ressequido,
A lonjura, a inércia, a repulsão...

PORTUGAL

Hoje, trezentos e sessenta e seis
Da certa revolução...

Vinham ledas e fagueiras,
Nos quarenta do Poema,
Sem dilema,
As grandezas, as virtudes,
E as extensas pulcritudes...

Recordo esses heróis,
Em jeito fraternal,
Neste dia de sóis,
Chamado **Portugal!**

Hoje, trezentos e sessenta e seis
Da certa revolução...

QUEM DEFENDE A LÍNGUA PORTUGUESA?

Os dirigentes da pátria portuguesa, ao longo da história, muitas vezes, pouco se incomodaram com a nossa cultura, com os nossos costumes, com as nossas tradições, com a nossa sensibilidade, com o nosso modo de ser.

Esqueceram-se da nossa arte, da nossa literatura, da nossa poesia.

Os dirigentes da pátria portuguesa, ao longo da história, muitas vezes, pouco se incomodaram com o bem-estar do povo luso, feito de ternura, de trabalho, de saudade, de encanto, de grandeza.

Basta lembrar tempos difíceis de batalhas fratricidas, os tempos da pré-consolidação da pátria, os tempos de D. Fernando (chamaste-lhe, Luís, no Canto III, o **brando, remisso e sem cuidado algum, desconcerto da natureza**). Basta lembrar a regência de D. Beatriz, os tempos dos Filipes que, abusivamente, reinaram 60 anos, em Portugal. Basta lembrar os baixos da República Portuguesa.

Basta recordar, na época em que nos foi dado viver, os tempos parados, inertes, do Salazarismo.

Dessas épocas e dos seus dirigentes, são actuais, nesta hora, as afirmações de Luís de Camões, na estância 145 do Canto X:

“No mais, musa, no mais que a lira tenho
Destemperada e a voz enrouquecida,
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida.
O favor com que mais se acende o engenho

Não no dá a pátria, não, que está metida
No gosto da cobiça e na rudeza
Dhua austera, apagada e vil tristeza.”

Ao falar em ser lusíada, ao falar em Comunidades, temos, irrefragavelmente, de falar na nossa querida Língua Portuguesa.

a) É imperativo que os homens do Poder defendam o Português...

mas o Português de Camões e não o dos Saramagos, cheio de deficiências, sobretudo na construção da frase.

É imperativo que os futuros professores de Português saibam redigir, saibam uma Gramática raciocinada, saibam Latim e Grego, saibam construir a notícia, a reportagem, o texto conotativo.

Como pode um professor de Português corrigir um texto, em linguagem denotativa ou literária, se não tem o hábito de o fazer?

Aprende-se a jogar, jogando. Aprende-se a andar de bicicleta, andando.

b) É imperativo que os programas dos ensinos básico, secundário e universitário sejam práticos, sejam modernos, sejam úteis.

c) É imperativo que os responsáveis dêem exemplo de bons falantes, que também sabem redigir.

Os Portugueses, na sua aventura marítima, foram bem longe. Desde 1557, até finais de 1999, estiveram em Macau. Estive lá em Maio de 1999. E senti, nessa terra distante

18.000Km de Portugal, uma infinita tristura ao constatar que a **Língua Portuguesa não se falava**

- . nos restaurantes
- . nos hotéis
- . na rua

- os agentes da polícia não sabiam Português
- os taxistas não sabiam Português
- **quase** ninguém sabia Português!

Mas... afinal «**a minha Pátria (não) é a Língua Portuguesa?**»

Que andámos a fazer, em Macau, durante mais de 400 anos?

E foram para lá tantos professores de Português! E foram para lá tantos políticos!

E foram para lá, enfim...!

E pensava eu, antes de embarcar, que, de novo, estaria, no dizer de Camões, numa «casa lusitana».

Puro engano!

E, de facto, ser lusíada, para além de tudo o que afirmei, é, sem dúvida, sem sofisma,

VIVER E DEFENDER A LÍNGUA E A CULTURA.

Minhas senhoras,

Meus senhores,

É urgente que, nas escolas portuguesas, se ensine

- . o Português autêntico (o de Camões),

- . o Português prático,
- . o Português aliado ao Jornalismo,
- . o Português que sirva o falante,
- . o Português que ajude a utilização da escrita e da leitura,
- . o Português da conotação, do poema e do romance.

Fala-se mal a nossa querida Língua. Escreve-se mal o Português.

É um facto irrefragável. Governos sucessivos não conseguiram impedir a catástrofe.

As nossas rádios, os nossos jornais regionais, os nossos jornais de expansão nacional, as nossas televisões, de quando em vez, ou frequentemente, não esquecem os erros ortográficos, os erros de construção da frase, os erros de índole vária...

A frequência de cursos de Jornalismo para as pessoas da comunicação social é algo que tem de ser urgente.

Em vez de as nossas escolas e de as nossas universidades, no campo da Língua Portuguesa, passarem o tempo, os anos, a falarem das categorias da narrativa, da acção da intriga, das personagens planas e personagens-tipo e personagens da intriga, dos espaços (físico, social, e psicológico), do ponto de vista ou da focalização, dos tempos da história, do discurso, do tempo psicológico. ...

Deveriam, antes de mais, ensinar

- . os fundamentos do Português,
- . a estrutura da nossa Língua,
- . a grandeza da nossa Língua,
- . a morfossintaxe da nossa Língua,
- . a ortografia da nossa Língua,
- . a semântica
- . a escrita,
- . a pronúncia correcta da fala, onde começamos por pronunciar os dulcíssimos nomes: mãe, pai, Deus...

Que importa ao aluno lusitano decorar esses nomes de categorias da narrativa, de focalização, em “Os Maias” de Eça de Queirós ou no “Frei Luís de Sousa” de Almeida Garrett, se continua a dar erros ortográficos ou nem sequer sabe fazer uma acta ou um requerimento?

Saber-me-á alguém esclarecer por que motivos, durante décadas, no antigo quinto ano, o ensino d’ **Os Lusíadas** andava à volta da divisão de orações?

Saber-me-á alguém dizer por que se insistiu tanto, anos a fio, no ensino básico e preparatório, em ensinar o que é função fática da linguagem, a função metalinguística da linguagem, os sintagmas, e um sem fim de minudências para miúdos dos 7, 8, 9, 10, 11, 12 anos?

Por que não se ensinam, em Portugal, os mecanismos de funcionamento do texto denotativo (sobretudo com a notícia e a reportagem) e do texto conotativo, subjectivo?

Por que será que, no ensino secundário, foi desaparecendo a aula de Jornalismo?

Por que não se incentiva, refiro-me ao governo, o brio

- . na correcção ortográfica,
- . na análise morfosintáctica e semântica,
- . no desenvolvimento da oralidade e do espírito crítico,
- . no aperfeiçoamento de técnicas de comunicação,
- . na capacidade de objectividade e síntese na criação de textos, enfim,
- . na construção do texto conotativo, literário?

Deveriam acabar de vez os erros - todos os erros - que, quotidianamente, vão aparecendo nos meios de Comunicação Social.

Já nem vou falar do famoso **hadem** do superministro português, em vez de **hão-de**.

Já nem vou falar da locutora da SIC que, na transacta quinta-feira, afirmou «**houverem certezas**», em vez de **houver certezas**.

Já nem vou falar de um truculento Presidente de um Governo Regional que, em vez de **interveio**, diz **interview**.

Não vou, enfim, falar de **rúbrica**, em vez de **rubrica**; **deia** (verbo dar), em vez de **dê**; **acórdos**, em vez de **acordos**; **requero**, em vez de **requero**; **júniors** e **séniores**, em vez de **juniores** e **seniores**.

Há locutoras da televisão a dizer **faira** em vez de **feira**; **absoleto** em vez de **obsoleto**.

Há jornais que não têm a mínima noção do que são palavras homófonas. E daí os enormes erros.

Fizemos a revolução dos cravos, há 33 anos. Continua a campear, todavia, um machismo sem nexos.

Ainda aparece, nos periódicos, **o juiz** Maria Lídia, em vez de **a juíza** Maria Lídia; ou **a presidente** Francisca Maria, em vez de **a presidenta**.

Vila Frescainha, rainha ou fuinha não levam acento.

Auto-estrada escreve-se com hífen; e não **tudo pegado**, como, recentemente, escrevia um jornal diário, na primeira página.

ROSAS E ABELHAS

Os homens da História, os Portugueses, os seres humanos do Universo sabem que houve na Antiguidade um rei – rei de Jerusalém – que fascinava pela sua sabedoria.

Chamava-se Salomão.

A sua fama era tanta que a rainha de Sabá quis certificar-se da veracidade dessa sabedoria.

Organizou o seu séquito, mandou preparar os camelos, embalou os aromas, grande quantidade de ouro e pedras preciosas.

Chegou a Jerusalém.

Para provar a sabedoria de Salomão urdiu enigmas. Fez perguntas difíceis ao rei.

E conta-se que a rainha de Sabá trazia também consigo dois ramos de rosas, verdadeiramente formosos. Um era de rosas naturais. O outro de rosas artificiais. – Mas rigorosamente iguais.

A rainha de Sabá quis saber qual o ramo feito de rosas verdadeiras, singelas, puras, não fictícias, não fingidas.

Salomão ordenou ao cortesão que pusesse os dois molhos junto do enxame de abelhas.

Estas – as abelhas – nada quiseram, como é óbvio, com o ramo artificial. Tudo quiseram com o ramo natural, verdadeiro.

A verdade, a pureza de sentimentos, o amor, a ternura, a naturalidade, a humanidade são, meus senhores, esse ramo de rosas que a sabedoria de Salomão soube distinguir.

Esse ramo de rosas verdadeiras, naturais, puras, simples, belas, que qualquer abelha sabe distinguir de um ramo de rosas artificiais.

São os nossos professores, os nossos colegas.
São os frutos desta amizade.
São os frutos desta alegria.
São os frutos desta tolerância.
São os frutos deste humanismo.

Mas também desta saudade, que começará a existir, a partir deste momento.

Naturalmente, não é por acaso, que «Coimbra tem mais encanto na hora da despedida».

(Excerto da última parte do discurso proferido em Coimbra, em 30.06.1998, em nome dos colegas do Curso de Pós-Graduação em Direito da Comunicação pela Universidade de Coimbra)

SOBRE AS “CANTIGAS MONOGRÁFICAS DE LIJÓ”

Tenho de acrescentar mais um nome à grandeza dos poetas populares: Veríssimo Toste de Castro.

A galeria destes poetas é excelente: António Aleixo, Augusto Pires, Carlos dos Jornais, Eduardo Francisco, Eusébio Calafate, Frederico de Brito, Isabel Lopes, João Calceteiro, José Crispim, José Fernandes, José Maria da Silva, José Vicente, Luciano Marques, Manta Branca, Manuel Alves, Manuel Pardal, Moreira da Silva, Rita Bexiga e outros.

Veríssimo Toste de Castro vem na linha da autenticidade e da melodia. Para além da simplicidade e da humildade, traz duas excelentes mensagens: a da clareza e do amor a Lijó, freguesia que jamais contemplou.

Veríssimo de Castro ficará, por certo, para sempre, como o entusiasta e o cantor de Lijó.

Veríssimo nasceu poeta. Prova-o nestas Cantigas.

Apreciei a força da arte, a linguagem culta e popular, a história verdadeira da minha terra, a humanidade e o catolicismo do Autor.

Os Lijoenses poderão ver e rever, aqui, a própria identidade, criatividade, cultura e a extensa dignidade.

“Cantigas Monográficas de Lijó” revelam, afinal, a génese e a alma deste povo maravilhoso.

Parabéns ao Veríssimo.

Parabéns ao António Senra.

Parabéns à Junta da Freguesia e aos seus Habitantes.

TIAGO

O primeiro discurso da defesa do Comissário Tiago. Proferi-o, na Quinta do Chuva, perante algumas centenas de pessoas.

Um grupo de indefectíveis Amigos nomearam-me para dizer algumas palavras, em nome de todos.

Aqui ficam, como registo.

O grande Aurélio Agostinho, o feroso filho de Mónica, que ficou na História com o nome de Santo Agostinho, deixou, um dia, a todos os homens, de todas as latitudes, esta verdade intemporal: *“Ataquemos os vícios. Nunca ataquemos os seres humanos.”*

Passados mais de 16 séculos, também queremos, nesta hora de amizade, proclamar aos quatro ventos que estamos aqui, não para atacar seja quem for, não para ódios ou vinganças, mas para repor a verdade, para cumprir a imperiosa obrigação de tributar ao Comissário Tiago aquilo de que foi espoliado.

A nossa honradez e a nossa formação impelem-nos *“a atacar os vícios e a defender os homens”*

Minhas senhoras,
Meus senhores,

O substantivo polícia provém do Grego *politeía* e significa governo da cidade.

Em todos os tempos, a polícia surge para defender o povo. Daí que a polícia seja a corporação encarregue de fazer observar as leis atinentes à ordem e segurança públicas.

Mas polícia é também um substantivo masculino cuja semântica nós conhecemos: é a pessoa que faz parte da corporação policial; Polícia é civilização; policia é disciplina.

Para se ser chefe da Polícia, porém, e no meu modesto entender, são imprescindíveis quatro qualidades:

a) Competência

- pedagógica
- didáctica
- disciplinar
- científica
- cultural
- humana

b) Firmeza

- de princípios
- de dignidade
- de personalidade
- de carácter
- do sim-sim e do não-não
- enfim, firmeza nas atitudes, na palavra dada.

c) Amizade

O Comandante da Polícia, bem como qualquer agente devem pautar a sua actuação pela amizade ao povo que servem.

O polícia jamais poderá ser uma espécie de papão.

O polícia, para exercer, convenientemente, o seu múnus também precisa da amizade do povo.

Amizade, todavia, pressupõe

compreensão

tolerância

ajuda

união.

d) Por último, aquilo que eu poderia dizer, em primeiro lugar.

Todo o chefe deve ter carisma para dirigir, isto é, deve possuir essa qualidade marcante que faz distinguir de outros.

E o carisma pressupõe o equilíbrio.

Nem de mais. Nem de menos.

Nem com vaidade. Nem com miséria.

Nem andar a 10 nem a 200.

Ter um sentido harmonioso de uma humana justiça.

E, meus Amigos, todas estas prerrogativas nós encontramos no nosso Comandante da PSP.

Bem sabemos que ao longo da História, os homens verdadeiramente grandes argamassaram a sua existência na dor, na incompreensão, no sofrimento.

Os homens da História,
os homens que se devotam aos outros,
os homens competentes,
os homens firmes,
os homens da consideração,
os homens que sabem dirigir

são, por vezes,

humilhados

traídos

vilipendiados,

enxovalhados. Para subir ao palco da fama.

Comissário Tiago,

Obrigado pelo que tem feito por Barcelos.

Obrigado pela sua educação, pela sua dedicação.

Obrigado pela sua competência, pela sua firmeza, pela sua humildade, pelo seu carisma, pela sua rectidão, pela sua amizade.

Orgulhamo-nos da sua classe.

Orgulhamo-nos do seu sentido dos valores.

Parabéns por toda esta simpatia cósmica que o rodeia, nesta hora.

Parabéns pelo dever cumprido.

Conte connosco.

URGENTE

Entoa, poeta!
Desassossega a paz em podridão!
Perturba a hipocrisia refinada!
Sê, na tarde, a grandeza de alvorada.

Enfrenta, poeta!
Faz da quimera um sol de Vera Cruz!
Refila ao desencanto e à apatia!
Explica o firmamento e a rebeldia.

VIVA A ESCOLA!

Minha Escola, meu verso de poente,
Minha canção de sol inebriante,
Vou deixar-te, no sonho alvinitente
Da ternura da tarde fascinante.

Comigo ficarás em pensamento,
Na memória suave de cetim.
Comigo serás génio, sentimento,
Doçura encantadora de jardim.

Lego-te a criação da Amanhecer,
Gerada na humildade em magistério.
Doo-te o cumprimento do dever
Que sempre fervilhei, em refrigério.

Como Coimbra, esta Escola tem encanto,
No momento sagrado da partida.
Como Coimbra, esta escola é o meu Canto,
Onde cintila a voz da minha vida.

Hei-de amar-te no Outono, sem portagem,
No crepitar sublime da Epopeia.
Hei-de ler-te na bruma sem miragem,
No engomar da quimera em melopeia.

Hei-de sentir-te perto, na lonjura,
Na estrábica velhice sem pomar.
Hei-de pedir à sólida fartura
Que sejas sempre a estrofe de encantar.

Alvorece o porvir da melodia,
Na margem sonhadora da paixão.
Desdobra ao sol a ao vento a rebeldia
De espalhar competências sem senão...

Traça a rota sublime do humanismo,
Nas mentes juvenis deste milénio.
Flui no tempo do tempo o dinamismo,
Envolto na pureza do oxigénio.

Minha Escola, meu verso de poente,
Minha canção de sol inebriante,
Vou deixar-te, no sonho alvinitente
Da ternura da tarde fascinante.

XÊNIA

Emergiu oração ao visitar os pobrezinhos.
Embalámos ternura ao receber as suas lições.
Desdobrou-se o encanto
Santo,
O roseiral,
Ao dar o cumprimento,
O abraço de quietude
Aos mais envergonhados,
Aos esquecidos,
Aos espoliados,
Aos sacrificados,
Aos doloridos,
Aos escorraçados
Do mundo,
Da família, da sociedade.

Foi riqueza darmos...

O gesto de bênção
Do seu acolhimento
E do seu agradecimento
Penetrou as entranhas,
Como se amanhecessem façanhas
Da Távola Redonda,
Ou dos Descobrimentos,
Ou das ternas, suaves Bretanhas...

ZUZUTO

Na Terra linda, que é minha,
Passa um omem forasteiro!
Não tem agá nem poema,
Nem serviu para timoneiro!

Pobre omem impaciente
Não faz da vida a ternura!
Ama tudo o que é dislate,
A pequenez da amargura!

É um omem enfadonho,
Não percebe de ciência:
Jamais soube o que é um verso,
A grandeza, a transcendência.

(Excerto do inédito, escrito em 26 de Agosto de 2006)

POST SCRIPTUM



AMIGOS

Tombou um gigante.
Feneceu o amigo Vale Ferreira.
Só os probos e os humildes morrem em Cristo Jesus.

Dr. João Vale Ferreira

Meu bom Irmão e Amigo, jamais morrerás no coração daqueles que tiveram a graça de privar contigo.

Parafrazeando o Pe. António Vieira, ele possuía um espírito sublime, um coração ardente, uma alma generosa que sempre quis servir os outros.

Serviste fielmente no Senhor Bom Jesus da Cruz.

Serviste num hino de glória e louvor ao Pai, a comunidade, os amigos, a família. Ganhaste o direito de ser agora servido pelo Senhor Deus no Paraíso Celeste.

Meus amigos

Jamais me esquecerei do meu bom Irmão e Amigo Vale Ferreira que pertence à minha família afectiva, um amigo especial que o Senhor me concedeu.

Despeço-me, agradecendo a Deus a graça de o ter conhecido e pedindo-Lhe que o tenha na Sua paz.

Sei que não esquecerás os que ainda ficam do lado de cá do tempo que estimas e que muito te admiraram. Recomendo-te muito em particular os Seis Magníficos e a nossa Tertúlia.

Até um dia, meu bom Amigo.

Ilídio Barros

Em nome dos amigos, no cemitério de Lijó, no dia 30 de Abril de 2007. Nesse fim de tarde, o actor Armindo Cerqueira declamou, também, alguns poemas.

FAROL DE NOVO

Já aqui falei uma vez de FAROL, a revista que existiu na Escola Secundária de Monserrate, cuja publicação foi interrompida há alguns anos. Hoje vou falar do seu criador – o João Vale Ferreira.

O João era estagiário naquela escola, no ano lectivo de 1979/1980. Aqui iniciou, por assim dizer, a sua carreira de professor e que abandonou há poucos anos por força da aposentação. Por ele passaram, como estagiários, alguns dos meus colegas hoje, professores na Escola Secundária de Monserrate.

Por natureza, era um homem entusiasmado. De um entusiasmo transbordante, agregava vontades em torno de projectos que concebia. Entretinha-se com os projectos profissionais como uma criança com brinquedos, pondo e dispondo as peças até surgir a obra.

FAROL assim apareceu. O João foi o principal impulsionador e agregou nessa vontade a Conceição Madruga, de saudosa memória, Albino Ramalho e Reinaldo Topete, (por onde andarás o Topete?!...), como fundadores.

O primeiro número surgiu em Maio de 1980, teve uma tiragem de 1.500 exemplares, vendeu-se a 27\$50 e assumia-se como *Revista da Escola Secundária de Monserrate de Viana do Castelo, ex-Escola Industrial e Comercial*. Se existir algum exemplar de FAROL na biblioteca da Escola Secundária de Monserrate poderão fazer uma ideia de como era esta publicação e do trabalho que dava; e no tempo em que a componente não-lectiva não era obrigatoriamente marcada nos horários dos professores. Tão forte era o entusiasmo do João que, apagado FAROL após a sua saída da Escola Secundária de Monserrate, mais tarde se reacendeu por vontades agregadas pela Elisabete Cunha, pelo Francisco Vaz e por mim.

Revejo hoje a alegria expressa no brilho dos seus olhos quando lhe entreguei um exemplar do número que o reacendia e evoco

as palavras de incentivo e agradecimento por darmos continuidade à sua ideia. Sempre que um novo número aparecia, sentíamos como dever entregar-lhe pessoalmente um exemplar e ele não se cansava de agradecer, de elogiar o trabalho e fazia questão de guardar como se FAROL fosse uma coisa saída da sua alma que nos tinha oferecido.

O Vale Ferreira era um homem entusiasmado. Tinha o espírito de criança e, por isso, não lhe cabia a palavra impossível, mesmo que o perigo pudesse estar por perto. Penso que ele sempre foi futuro.

O João deixou-nos ontem, 29. Em Abril, mês que ele tanto referia. Fui vê-lo pela última vez. Não, não o vi. Não tive coragem. Aproximei-me o possível que a emoção permitiu.

É difícil ver um amigo quando ele se vai assim; é sempre difícil... O horizonte do meu mundo perdeu uma referência. Agora resta a imagem...

João era...

Disse-lhe adeus com lágrimas.

Agostinho Pereira

EDITORIAL

Hoje é 1º de Maio – um dia feriado que nasceu para exaltar os trabalhadores.

Pouca memória há sobre a razão deste dia, que data do século XIX, das lutas sindicais de Chicago em defesa das 8 horas de trabalho diárias.

Quando os direitos estão adquiridos, dificilmente voltamos as páginas do tempo para se saber quem lutou no passado pelo futuro!

É assim a memória dos homens!

(...)

Guardo as cores, e os rostos, e os rostos felizes do 1º de Maio de 1974!

Que a vida também é feita de recordações!

E é por isso que o rosto do João não me sai do pensamento!

Amigo das tertúlias de Coimbra e de Barcelos, o João Vale Ferreira foi ontem a enterrar!

Nunca conheci ninguém que gostasse tanto de Camões, que o soubesse evocar em todas as situações, que o seguisse em verso de sonetos.

Também ele poeta de ser sentia “Os Lusíadas” como uma segunda Bíblia e os seus alunos viam-se envolvidos nos Cantos como protagonistas da mais “bela História de Portugal”.

Aos amigos recitava a “Ilha dos Amores”, o “Concílio dos Deuses” e o “Adamastor” com particular brilho nos olhos.

Não te dizemos adeus João, apenas um até à próxima tertúlia.

Nassalete Miranda,
O Primeiro de Janeiro, 1 de Maio de 2007

FALECEU O DR. JOÃO VALE FERREIRA

A notícia correu, súbita e inesperada, deixando incrédulos todos os seus muitos e muitos amigos.

Homem simples, devotado a muitas causas de Barcelos e dos Barcelenses, sócio-fundador do I.P.I.R., da Tertúlia Barcelense e dirigente do Círculo Católico e de outras associações, Vale Ferreira deixou-nos profundamente consternados. Fica-nos dele, para sempre, uma enorme saudade.

Vale Ferreira legou também a Barcelos uma extensa obra poética, que tornou pública, ao longo da sua vida, em livros e em vários jornais locais e de região, facto que mais perpetuará, ainda, a sua saudosa memória.

Barcelos perdeu um dos seus bons filhos, homem sensível, merecedor do respeito e da admiração por todos.

Este jornal perdeu um bom e muito estimado amigo, e todos quantos nele trabalham apresentam à família as mais sentidas condolências.

O Director, Dr. Vasco de Carvalho
“Cavado Jornal”, nº 891, 2 de Maio de 2007

VALE FERREIRA: O HOMEM DO SER

Além de ser o “homem da poíesis”, da acção, da criação, da originalidade, devia ser o “homem do ser”, isto é, devia cultivar o humanismo, a alegria, a lealdade, a tolerância, a dedicação, a delicadeza de sentimentos, a amizade, devia ser o “artista” que faz, que fabrica, que exerce influência. Foi deste modo que Vale Ferreira definiu o que deveria ser o poeta, numa intervenção intitulada “A Festa da Poesia”, que fez no Paço dos Duques, em Guimarães, em 30 de Setembro de 2000, a convite de Barroso da Fonte.

Esta nobreza de sentimentos e de atitudes, de que procurava ser o verdadeiro arauto nas suas relações sociais, está ainda bem expressa nesta estrofe do poema “Desejo”: “Meu verso, livre de peias, / De hipocrisias inúteis, / Só quer sol de inspiração, / Canto de rota e luar. / Adora o mel das colmeias, / Rejeita palavras fúteis, / Teima na voz da união, / Num abraço de encantar...”. (“Perfis I”, 2001).

Tais atributos advinham-lhe das suas profundas convicções religiosas católicas, e da cultura greco-latina, que herdou da sua formação, no seminário, e na universidade.

Conheci-o há cerca de 20 anos. Leccionava ele na Escola Secundária de Arcozelo (actual Alcaides de Faria). Eu era já Bibliotecário Municipal e director adjunto do “Jornal de Barcelos”. Mantivemos, a partir daí, uma amizade, que ninguém, nem nada, conseguiu beliscar.

Das incomensuráveis convivências que mantivemos, permitam-me que recorde, pelo seu carácter lúdico, a ida a Lisboa, de limousine, a convite do nosso amigo Zé Chuva, para assistir à inauguração do Estádio da Luz, jornada que jamais esquecerei.

Também os convívios com os nossos amigos de Santos-Brasil, com o José Duarte, que fora seu colega em Sever do Vouga, e com o Augusto Lopes, e com tantos outros, que eram recebidos pelo Vale Ferreira e pelos seus amigos, como se fossem as maiores personalidades do mundo.

Não posso esquecer ainda as jornadas frequentes dos seis magníficos, designadamente nos aniversários: Vale Ferreira, Arménio Ferreira, seu irmão mais novo, Victor Pinho, Ilídio Barros, Manuel Carones e Carlos Neto, em momentos únicos de convívio, de reforço da amizade e da fraternidade.

Um promotor de iniciativas

Na primeira das muitas iniciativas para que me convidou, “Os Jovens do Pedal”, decorria o ano de 1988, no restaurante Vera Cruz, de Joaquim Brito, lançou-me o repto para discursar. Aliás, este restaurante e o salão de festas, em Lijó, transformaram-se, durante muitos anos, num local de reuniões e de convívio, numa autêntica tertúlia familiar.

Dois anos depois, foi também a altura da reorganização do Círculo Católico, que jazia numa decadência confrangedora, e que ajudou a revitalizar, numa direcção presidida por Manuel Barbosa. Eu era o secretário e ele vice-presidente da direcção, e na tesouraria estava o Eng^o Carlos Martins, de saudosa memória, professor na Escola Secundária Alcaides de Faria e dirigente local do CDS, e na capelania o Pe. Areias da Costa, também de saudosa memória.

Foi ainda a época de inúmeros passeios que organizava, com colegas e alunos das Escolas de Arcozelo (actual Alcaides de Faria) e Secundária de Barcelos e outros convidados. Além da parte cultural e recreativa, estes convívios tinham sempre apetitosos piqueniques (com o habitual concurso de bolos), e onde a poesia e a arte de falar faziam parte do programa.

Foi também a época das visitas recíprocas das câmaras municipais de Viana do Castelo e de Barcelos, presididas respectivamente por Branco de Moraes e Fernando Reis, dos quais foi sempre particularmente amigo.

Avesso à estagnação e propugnador de empreendimentos, Vale Ferreira pensava ainda vir a criar a Associação Académica do Minho que reunisse académicos desta região e que promovesse e defendesse o seu património e a sua cultura.

O fundador da Tertúlia Barcelense

Havia que sedimentar e organizar as reuniões informais de amigos. Por isso, em 12 de Dezembro de 1996, fundou a Tertúlia Barcelense. Agregou a esta organização outros amigos, além dos já citados: Vasco de Carvalho, Ilídio e Alice Morais, Dr. António Novais, Eduardo Costa, Tânia Reis, Artur de Sousa, Ilídio Barros, António Magalhães, José Augusto, António Madeira, António Sousa e os padres Aviz de Brito e Albino de Faria.

Embora nunca quisesse ter ocupado o cargo de presidente da direcção, foi, durante muitos anos, o principal dinamizador das suas actividades culturais e da afirmação desta instituição na sociedade barcelense. Promoveu diversas conferências, entre as quais, a do jornalista Alfredo Barbosa, do arquitecto Manuel Teles, do cónego Eduardo Melo, dos Dr. Rui Assis Ferreira, director da Comunicação Social e professor da Universidade de Coimbra e do Dr. Pedro Gonçalves, nosso conterrâneo e também docente desta universidade, do Dr. Elísio de Oliveira, delegado da Rádio Televisão Comercial, no Porto, e dos Drs. Vieira de Andrade e Pinto Monteiro, catedráticos da Universidade de Coimbra.

Consegue a sede para o IPIR

Foi graças aos seus esforços que o IPIR-Instituto Português de Imprensa Regional conseguiu ter uma sede própria, nesta cidade, sendo a única associação da imprensa regional que a possui. Numa reunião, em Lisboa, com Amândio de Oliveira, então secretário de estado da comunicação social, eu próprio e Barroso da Fonte, conseguimos que o estado e, depois, a câmara de Barcelos comparticipassem na sua aquisição. Depois, foram os cursos de jornalismo e a vinda a Barcelos de, pelo menos, dois directores da comunicação social. A sua acção em prol da imprensa escrita, traduziu-se ainda no facto de ter fundado cinco revistas escolares: “Farol”, em Viana do Castelo e “Amanhecer”, “Avenida do Minho”, “Diferença” e “Olhares”, em Barcelos.

Quis o destino que fosse eu a convidá-lo a fazer a sua última intervenção pública, no seminário da imprensa barcelense, reali-

zado, no auditório da Biblioteca Municipal, no passado dia 9 de Março.

Esta sua paixão pelo jornalismo levou-o ainda a promover diversos cursos de formação e a colaborar em diversos jornais regionais, designadamente no “Jornal de Barcelos”, “O Barcelense” e “Barcelos Popular”, onde criou uma página “Via Clássica”, “O Forjanense”, “O Vianense” e “A Voz de Melgaço”.

O Provedor dos 500 Anos do Milagre das Cruzes

Vale Ferreira teve o privilégio de ter sido o Provedor da Real Irmandade do Senhor da Cruz que preparou e concretizou, com toda a dignidade e brilho, como nunca houve na história da Igreja Barcelense, um programa digno e de grande alcance, comemorativo de um milagre que marca a vida quotidiana dos barcelenses.

Além de concertos diversos, e da edição de dois livros de grande valor histórico e patrimonial, abriu o templo ininterruptamente, desde o alvorecer até ao entardecer, templo que visitava duas ou mais vezes por dia.

Amou e serviu o Senhor da Cruz, e dedicou-lhe a letra de um hino, ao “Pontífice da minha Terra”.

O amigo de todas as horas

Não cabe aqui traçar toda a dimensão do homem, do professor e do educador, do amante da língua portuguesa, do filho dedicado que velava constantemente pelos seus venerandos pais. Não é também a hora para falar do apreço que nutria por Luís de Camões que o homenageou, em Carviçais-Torre de Moncorvo, em Junho de 2000. Não cabe aqui ainda traçar o seu perfil do amigo de todas as horas, das boas e das más. Basta lembrarmo-nos da defesa pública que fez do Sub-Comissário Tiago, comandante da esquadra da PSP desta cidade, quando alguns tentaram aniquilá-lo, vindo-se a provar, mais tarde, que estava inocente. Não cabe aqui ainda falar do seu amor pela Eng^a Maria de Lourdes Neiva. Não cabe ainda aqui falar da amizade que nutria pelos seus antigos companheiros de seminário, entre os quais os padres Carlos Vaz e Manuel Fernandes Moreira e Manuel Narciso Morais e da Escola de

Monserrate-Viana do Castelo, entre os quais o Dr. Agostinho Pereira, nem dos seus antigos alunos, como a Dr^a. Joana Luísa e a Dr^a. Luísa Vila-Chã, nem do seu amigo e médico, Dr. Adélio Miranda, que lhe sucedeu na Provedoria.

Anunciaste o “fastígio sublime, sem atraso!”, em 30 de Agosto de 2005, quando escreveste o poema “Senhor da Cruz”, que foi só dado a conhecer ao grande público, em 20 de Dezembro do ano transacto, servindo de suporte à música do hino. Mas, não tenho dúvidas, que tiveste, como afirmas, na estrofe anterior, “em redenção, um sol fulgente”, onde compareceram o Senhor da Cruz, o S. João Baptista, o S. Francisco de Assis, o Santo António e a Nossa Senhora, a quem dedicaste poemas, e tantos amigos teus que já partiram, entre os quais os Padres Alfredo Rocha, Areias da Costa e Paulino, o Eng^o Carlos Martins e o José Augusto.

Um abraço para sempre, do teu eterno amigo.

Victor Pinho
“A Voz do Minho”, 9 de Maio de 2007

DR. JOÃO VALE FERREIRA, FALECEU O HOMEM, NÃO O POETA!

Figura impar na região minhota e no Brasil, acometido de doença súbita e grave, faleceu, deixou-nos, mas do Poeta, esse, com raízes ainda na Terra, deixa obra, lições de muito saber, da sua influência na cultura do meio, desde a Tertúlia Barcelense ao IPIR (Instituto Português da Imprensa Regional) até à Real Irmandade do Senhor Bom Jesus da Cruz de Barcelos. Deixa saudades na sociedade que o rodeou e pela licenciatura em Humanidades Clássicas; deixa memória entre amigos, pela Pós-Graduação em Direito de Comunicação, e partiu para a eternidade sem completar a sua obra literária; a sua memória será perene por entre os seus discípulos no Ensino Secundário, nos Educadores de Infância, Docentes do Ensino Básico e Secundário; as suas palestras vão manter-se a vibrar entre o Céu e a Terra, talvez pela Eternidade.

No Brasil, onde deixou muito do seu esforço para glória da língua portuguesa, foi convidado especial nas comemorações centenárias do Centro Português de Santos (São Paulo) e, sobre o Voluntariado, um trabalho “de muita classe”, nas acções de formação, enquanto no Congresso Internacional do Algarve, mostrou muito do seu valor na sua especialidade de linguística, quando falou sobre “A dádiva exige qualidade”; também, pelo Voluntariado, nos oitenta anos dos Bombeiros Voluntários de Barcelinhos, dissertou sobre o tema, com relevância para as “Infra-estruturas do Voluntariado”. Deixou o auditório boquiaberto de tanto saber.

Homem de palavra, no discurso e nas acções, o poema seria o tipo literário por que sempre se dedicou, com muita paixão, finura de trato, com muito do seu tempo em rimas, certas, sibilantes, que só o Poeta sabia cantar e transmitir aos seus admiradores. Sem peias, com pudor, com sarcasmo, em melopeia, porque disse:

Desdobraremos, ufanos,
Em heróicas calimeras,
Os suaves oceanos...

Noutro passo da sua obra de Poeta, ousamos evocar a sua melodia, com este fragmento delicioso:

Poema até que a minha voz, tolhida
Pela loucura frágil, persistente
Da velhice sem norte e sem candeia,

Atinja a solidão triste, dorida.
Poema até que o peito padecente
Jamais queira a quimera da epopeia!

Mas, afinal, o Homem morreu...o Poeta, esse, não! Deixou a vida terrena, sua Alma ultrapassou-nos, a caminho do Além. Assim parece, porque:

Envolto em dura ternura.
Impelido por força violenta,
Que, no mais profundo do âmago,
Assentara arraiais,
Parti,
Na noite do Tempo,
Ofegante, enamorado,
Em busca do Tempo sem noite...

O Poeta sobrevive à hecatombe que, em vida, ninguém se isenta. Os Amigos, tantos, onde estariam à hora da sua morte? Ninguém sabe. Talvez dormindo profundamente! E o Homem, o Poeta, o Artista, o Pedagogo, o Teólogo e Humanista, no assento etéreo onde repousa, certamente, em sono profundo deixou tudo e todos...Fica-nos, também, a memória da sua passagem pela Ter-

ra: na Tertúlia, onde nos 80 anos de José Augusto, afirmou: tudo é Amizade, Alegria e Humor; também Humildade, Carácter, Personalidade, Tolerância. Há que ser assim para se participar na Tertúlia. Que dizer mais, sobre João Vale Ferreira? O poema dedicado a sua Mãe, hino de amor filial. Ditosa Mãe!

Artur Costa

“O Vianense”, nº 494, 30 de Abril de 2007

ATÉ SEMPRE, VALE FERREIRA

A infausta notícia colheu de surpresa e causou consternação em todos os sectores barcelenses: morreu o Dr. João Vale Ferreira! Faleceu no Hospital de Barcelos, na madrugada do dia 29 de Abril.

Tínhamos estado juntos, a seu convite, numa refeição quase familiar, no Restaurante Chuva, do qual fez parte o também dilecto amigo Victor Pinho, director da Biblioteca Municipal.

Com a bonomia e a comunicabilidade de sempre, homem culto que era, nada fazia prever que poucos dias depois a irreduzibilidade da morte o arredasse de nós, deixando-nos mais sós e desprovidos do seu fraterno convívio, da sua preciosa colaboração para o jornal do autor destas linhas dirige.

Vale Ferreira foi professor notável das disciplinas de Português, Latim e Grego, foi aprovado em Coimbra em Direito da Comunicação, criou Clubes de Jornalismo dos quais resultaram publicações culturais a nível das Escolas Secundárias, nomeadamente as Revistas Farol, em Viana do Castelo, E Avenida do Minho, em Barcelos.

Publicou os livros de poemas “Calimeras”, “Perfis” e o estudo “Questões de Português”. Era Presidente da Assembleia Geral do Instituto Português da Imprensa Regional – IPIR – e qualificado colaborador de diversos jornais de todo o norte do País e do Brasil (especialmente na cidade de Santos, onde era considerado uma figura de relevo). A ele se deve a fundação da Tertúlia Barcelense, núcleo admirável de humanismo e confraternização, e exerceu exemplarmente, como era seu timbre, funções de Provedor da Real Irmandade do Senhor Bom Jesus da Cruz de Barcelos, tendo contribuído, recentemente para a edição dos estudos “Inventário do Património Móvel” e da sequencia histórica daquela Real Irmandade e do admirável Templo do Senhor Bom Jesus da Cruz.

Na Matriz de Barcelos (Colegiada) por ele rezaram inúmeros

amigos, antes de ser lido, na Porta Nova, o Hino do Senhor da Cruz, da sua autoria, enquanto que o cortejo fúnebre, no qual se incorporaram inúmeras pessoas, se encaminhava para o cemitério de Lijó, a sua terra natal, onde ficou sepultado na paz dos justos.

Matias de Barros
“O Vianense”, nº 494, 30 de Abril de 2007

MORREM CEDO AQUELES QUE OS DEUSES AMAM!

Já não sei a quem pertencerá esta frase nem em que circunstâncias a ouvi pela primeira vez. Sei apenas que a frase cruel está presente. Acerada. Insistindo em se impor desde que a notícia chegou com toda a sua crueza, deixando-nos atónitos, incrédulos, nós seus colegas de Curso. Um Curso (devo esclarecer) criado pela Universidade do Porto, intitulado PEUS “Programa de Estudos Universitários para Seniores”.

Um curso em que o Dr. Vale Ferreira, tal como eu, procurou inscrever-se e, conseqüentemente, foi aí, que o espírito de camaradagem académica nos aproximou, e me leva agora a evocá-lo, preferencialmente, na qualidade de aluno de um curso universitário. Embora ao evocar o poeta e ensaísta, o jornalista que há vinte anos conheci, embora na circunstância, o evoque preferencialmente, na qualidade de aluno universitário. Aluno de um curso aonde afluíram candidatos das mais diversas formações académicas aos quais era exigido, para além de uma licenciatura, um limite de idade mínimo.

Foi para mim, pessoalmente, uma surpresa agradável encontrá-lo na cerimónia de abertura das aulas e creio que ele também ficou contente por encontrar no curso uma sua conterrânea. Depois, o curso avançou e assim se cumpriu o primeiro semestre que teve início em Fevereiro de 2006. Seguiu-se-lhe um novo ano lectivo, segundo o calendário geral, e outro semestre se iniciou. Depois, outro. E, a pouco e pouco, o convívio informal intensificou-se entre todos, razão porque tacitamente foram aceites normas comportamentais, de acordo com o espírito académico em que todos facilmente se integraram. E assim, neste convívio totalmente desinteressado, “límpido, poderia acrescentar”, o Dr. Vale Ferreira passou a ser simplesmente João. Tratamento que ele entusiasticamente aceitou, logo propondo o “tu” como complemento.

Foi durante todo esse tempo de aulas que pude conhecer o

lado humano do Dr. Vale Ferreira. E nesse ambiente acadêmico, onde, por vezes, reinava alguma irreverência (mal contida) ele continuou a ser pessoa de trato muito afável, cortês, generoso.

Entusiasta nas causas que abraçava, era no entanto, contido no que a ele, pessoalmente, dizia respeito e o ensombrou, como seja a doença que o minava e à qual nunca lhe ouvimos qualquer referência. Daí o nosso espanto, a nossa incredulidade, a nossa inconformação, ao sabermos do acontecido.

Alguns dos colegas (os que souberam a tempo e os que puderam) deslocaram-se a Barcelos, para lhe prestarem a devida homenagem, na missa do sétimo dia. Poucos o souberam porque sendo tempo de férias, (Queima das Fitas) não havia aulas. Mas muitos foram os que dele falaram ao retomar a vida académica. E assim, no final da primeira aula, por proposta do aluno que representa os colegas, teve lugar um minuto de silêncio, do qual participou o professor de História, Literatura e Cultura das Civilizações Clássicas.

E no segundo dia, o professor de Direito Aplicado a Situações do Quotidiano, no final da aula também se referiu. Pesaroso, perante o sucedido. E agora, que já vamos no terceiro dia de aulas, ele continua a ser lembrado em todas as conversas, evocado como um Companheiro (com maiúsculas).

E tudo isto, porque ele merecia, escusado dizê-lo. Tal como será escusado afirmar que o João vai continuar durante muito tempo, na nossa memória afectiva.

A vida é assim, João! Mesmo não concordando, sabemos o quanto, por vezes, as suas leis são cruéis, sobretudo quando permitem que “morram cedo aqueles que os deuses amam”.

Maria do Pilar Figueiredo
“A Voz do Minho”, 23 de Maio de 2007

TODOS ESTAMOS NO MUNDO DE PASSAGEM

Apenas duas palavras breves, até porque as poucas palavras e até o próprio silêncio, dizem mais que grandes discursos.

Em tempos, ouvi na rádio, a história do turista que se encontrou com um rabino, e este convidou-o a visitar sua casa. O turista de mochila às costas lá foi... mas ao entrar na casa do rabino e vendo-a demasiada despida perguntou: onde está a sua mobília? E onde está a sua - perguntou o rabino. O turista disse, então: Eu tenho apenas a mochila e estou aqui de passagem. Também eu estou aqui de passagem” – respondeu o rabino.

Todos nós, sem exceção, nos encontramos no mundo de passagem. Passagem que poderá ser breve ou longa, mas que deverá deixar marcas positivas, para que dessa forma o homem deixe memória.

Por isso, o Dr. João Vale Ferreira partiu, mas continua conosco, na nossa memória, na nossa recordação, na nossa vida.

Faz hoje 30 dias, repleto de ausência e saudade, que partistes. Deixa-me hoje tratar-te por tu.

A tua ausência provoca-nos uma profunda tristeza, mas relembra as alegrias vividas em conjunto: os encontros na tertúlia, as viagens (não esqueças a viagem ao Gerês de que falavas com tanto entusiasmo), as tuas palavras sábias e poéticas, os teus gestos amigos e fraternos.

Estamos conscientes que a nossa separação não foi “para sempre” pois “para sempre” é muito tempo, e o tempo não pára. Só a saudade é que tem o dom de fazer as coisas pararem no tempo. Podemos definir a saudade como uma forma de zelo, cuidado, a prova fundamental da falta que sentimos de ti.

Saudade é perda, é a certeza da impossibilidade de resgatar algo já vivido, saudade é dor, algumas vezes quase impossível.

Mesmo perante as funestas realidades, a saudade é sempre boa, mesmo quando dói, e não se apaga, mesmo que outra pessoa

tente ocupar o lugar vazio. Desta forma queremos relembrar que o teu lugar permanecerá dentro de cada um de nós, mais propriamente na tertúlia pela qual acreditaste e sempre lutastes.

Acreditamos que, apesar do lugar onde te encontras, continuas a acompanhar-nos nos nossos projectos, nas nossas caminhadas, nas nossas vidas.

Agradecemos a Deus por nos dar a oportunidade de te ter conhecido e convivido contigo, pois és a lembrança gravada de forma perene dos pequenos e grandes factos da nossa história.

Estarás eternamente connosco...

Pe. Albino Faria
na homilia da Missa de 30º Dia do Falecimento,
na Igreja de Lijó

Anteriormente à cerimónia religiosa, junto à sepultura, no cemitério de Lijó, e na presença de muitas pessoas, entre as quais, familiares, tertulianos e amigos, a Presidente da Tertúlia Barcelense, Alice Morais e a Eng^a Maria de Lourdes descerraram uma lápide de “homenagem e gratidão” ao Dr. João Vale Ferreira.

De seguida, o Dr. Victor Pinho evocou as qualidades do Homem, do Poeta e do Professor. Terminou, declamando alguns poemas.

A Banda do Galo, liderada pelo Presidente do Círculo Católico, Joaquim Brito, associou-se à homenagem, executando algumas marchas fúnebres.

FALECEU O POETA JOÃO VALE FERREIRA DEIXOU-NOS NO DIA 29 DE ABRIL

Com 67 anos de idade, faleceu no dia 29 de Abril, o Dr. João Vale Ferreira que foi uma figura admirável pela vida fora. Nasceu com o dom de fazer amigos e de semear cultura. Aposentara-se há pouco do ensino secundário. Foi muita coisa ao serviço da comunidade: dirigente, jornalista, escritor, poeta. Acabara de nos mandar as provas da sua co-autoria no VIII volume da antologia «Poetas de Sempre». Almoçou normalmente nesse dia, à tarde sentiu-se mal e foi ao médico. Ao princípio da madrugada apagara-se para sempre. Mas só o seu corpo, porque aquilo que semeou vai germinar pelos tempos fora. Isso foi dito e vivido no funeral que reuniu milhares de admiradores e amigos. Lá estivemos na dolorosa despedida, porque amigos como ele são raríssimos.

A foto que publicamos mostra-o a leccionar, em Guimarães, numa aula de Jornalismo, na qualidade de Presidente do IPIR (Instituto Português da Imprensa Regional). Adeus nobre companheiro e leal amigo.

Barroso da Fonte
“Poetas & Trovadores”, nº 41, Abril/Junho 2007

IN MEMORIAM DE UM AMIGO E COLABORADOR QUE, INESPERADAMENTE, NOS DEIXOU – DR. JOÃO VALE FERREIRA – FALECIDO EM 29 DE ABRIL DE 2007

João

As más notícias costumam ser tão rudes como velozes; acontecem sem aviso prévio, às horas mais disparatadas e em situações confrangedoras.

O teu sono aconteceu mais cedo, COMPANHEIRO, precisamente em Abril, o mês dos cravos e da liberdade.

Como foi possível entrares nessa noite escura sem dizeres algo de concreto aos amigos e às estruturas que seguram as margens do lado da vida?!

Contempla, AMIGO, o rosto de Cristo transfigurado e saboreia a Glória do Ressuscitado.

Esta deveria ser a hora em que me recolheria como um poente no bater do teu peito. Mas a solidão entra pelos meus vidros e nas suas enlutadas mãos solto o meu delírio. Quero ver esse lugar onde se não vê, para que sem disfarce a divina luz se revele. Somos resina de um tronco golpeado.

Todo mundo é um palco e nós meros actores. Todos têm entradas e saídas. Desempenhaste o teu papel, COMPANHEIRO, e ouço-te gritar ainda do fundo dessa noite escura: PREFIRO ESTAR DO LADO DE DEUS CONTRA OS HOMENS DO QUE DO LADO DOS HOMENS CONTRA DEUS.

E doutra vez, em Oratória:
Minha Voz, minha vida,
Meu segredo e minha revelação,
Minha luz escondida,
Minha bússola e orientação.

Eu não sabia, Vale Ferreira...

Andava distraído, procurando o lado mais belo do teu sorriso. Sou humano de mais, Senhor, para entender, que aqueles que escolhes para a morte raramente entram nas contas da minha probabilidade.

E ouço-TE responder, com esse jeito que tens de falar: por alguma razão muito nobre eu havia de ressuscitar dos mortos.

Vai serenamente entre a agitação e a pressa e lembra-te da paz que pode haver no silêncio. Nas tuas lutas, na ruidosa confusão da vida, conserva a paz na tua alma, pois, apesar de tudo, o mundo ainda é maravilhoso e a vida encantadora.

Assumindo OVERBO DE DEUS, em lugar de outro qualquer, o melhor, JOÃO VALE FERREIRA, é repetires com S. Paulo: "JÁ NÃO SOU EU QUE VIVO, É CRISTO QUE VIVE EM MIM"

José Bernardino (colega de Seminário onde, com ele, foi aluno também dos Padre Júlio e Cónego Vaz)

"A Voz de Melgaço", nº 1285, de 1 de Junho de 2007

DR. JOÃO VALE FERREIRA POR ELE MESMO

Poemas aproveitados pelo discípulo Padre Carlos Nuno na homilia da missa do funeral da Matriz de Barcelos a que presidiu: “Determinação”, “Abril”, “Objectivo”, “Criança”, “A Vida”, “Jesus”, “O Triunfo Sobre a Morte”, e que foram todos publicados no jornal “A Voz de Melgaço”, de 1 de Junho de 2007.

Destes, seleccionamos:

A VIDA

Deslumbramento!
Canção!
Tormento!
Emoção!
Eis a vida!

Esta antítese de encanto,
Feita de sol e luar,
É a grandeza do espanto,
O azul e verde do mar!

Vida!
Hei-de amar-te, loucamente,
No poema da manhã,
Na fragrância do poente!

Vida!
A riqueza sem igual,
Num mundo negro, funesto...
... Meu santo pontifical!...

VALE FERREIRA: O FUNDADOR DA “AVENIDA DO MINHO”

Vale Ferreira deixou-nos no dia 29 de Abril. Morreu, como sempre viveu, com a serenidade dos justos, com a solidariedade dos homens bons, com a grandeza dos poetas. Àcerca destes, ele próprio afirmou: Além de ser o “homem da poíesis”, da acção, da criação, da originalidade, o poeta devia ser o “homem do ser”, isto é, devia cultivar o humanismo, a alegria, a lealdade, a tolerância, a dedicação, a delicadeza de sentimentos, a amizade, devia ser o “artista” que faz, que fabrica, que exerce influência.

Morreu em Abril, no mês da liberdade e da poesia, em vésperas do dia do Senhor da Cruz, culto que ajudou a propagar - foi Provedor da Real Irmandade, de Dezembro de 2003 a Março de 2007-, e a quem dedicou a letra de um hino.

E que bonito foi ver, à volta do adro, no dia das suas exéquias, muitos e muitos amigos, e tantos e tantos professores, colegas das Escolas Secundárias de Barcelos e Alcaides de Faria, num último adeus, numa última homenagem de saudade.

Vale Ferreira foi o fundador da “Avenida do Minho”. Decorria o ano de 1989, e o Clube de Jornalismo, constituído por 23 alunos, do 9º ao 12º anos, da Escola Secundária de Arcozelo, e dirigido por si, decidiu criar uma revista. E, a “Avenida do Minho” cumpriu os seus objectivos: “Torna-se, na verdade, incompreensível, como é que uma revista, na primeira edição da sua existência, consegue galvanizar centenas de alunos, todos os funcionários e muitos professores de uma Escola!

Vimos para a rua. O Público confiou em nós. Gostou da nossa “cara”, do nosso conteúdo, da nossa mensagem!”.

Professor de português e latim, poeta e jornalista, Vale Ferreira associou ao projecto desta revista alguns mecenas seus amigos: Manuel Barbosa, Abílio Vieira, Manuel Perfeito Senra de Brito, Manuel Rocha, Francisco Rodrigues Coreia e Joaquim Senra de Brito, no primeiro número; os mesmos, excepto Manuel Rocha, e

mais Joaquim Alberto Calas de Oliveira Carvalho, no segundo; e, tirando este, e mais o Dr. Domingos Almeida, Francisco Carneiro Martins e José Soucausaux, no número três.

Neste último número publicava, com fotografia, os “Doze muito amigos da “Avenida””: António Pereira, Presidente da Junta de Freguesia de Barcelos, Fátima M. Gonçalves, funcionária da ESA (Escola Secundária de Arcozelo), M. Eduarda M. Rego, da Direcção da APACI, Raul Fernandes, jornalista, José Marconi, treinador de futebol, José Carlos Araújo, Lúcia Sousa e António Coutinho de Campos, alunos da ESA, Eng^o José Ponte, professor da ESA, Dr. António Tomé, médico, Cecília Silva e Carmélia Miranda, funcionárias da ESA.

Vale Ferreira conseguiu uma revista atractiva, onde, para além de artigos de investigação, e de muita poesia, envolveu a comunidade escolar e a comunidade envolvente, destacando-se as entrevistas às mais importantes personalidades da vida política, económica, social e cultural do concelho.

No estatuto editorial da “Avenida do Minho” afirmava-se: independente do poder político, de grupos sociais, religiosos e económicos, pretende levar a Escola à Comunidade, privilegiará a informação rigorosa e isenta, pugnará pela formação a todos os níveis, e dedicará um carinho muito especial à dinamização da escola e da língua portuguesa. Tentará difundir a cultura, espevitando potencialidades.

Logo, no primeiro número, Vale Ferreira marcou a sua faceta de poeta, inconformado e solidário:

“Envolto em dura ternura, / Impelido por força violenta, /
Que, no mais profundo do âmago, / Assentara arraiais, / Parti, /
Na noite do Tempo, / Ofegante, enamorado, / Em busca do Tempo
sem noite... .

Conferências e passeios

A sua apetência pelo jornalismo levou-o a promover diversos debates. Nesse mesmo ano, em 9 de Junho, promoveu um colóquio com Luís Humberto Marcos, Presidente do Centro de Forma-

ção de Jornalistas sobre “Comunicação e Poder”. Em 21 de Fevereiro de 1990, realizava-se uma conferência-debate com Rogério Gomes, então jornalista do “Público” sobre as novas tecnologias da informação.

Mas, também não faltaram os passeios, envolvendo professores, alunos e gente da comunidade. No dia 8 de Junho, realiza um “passeio escolar de jornalismo” ao Porto, com visitas à Antena 1, “O Primeiro de Janeiro” e o “Jornal de Notícias”, passando ainda por Aveiro.

Em 21 de Maio do ano seguinte, era a deslocação a Guimarães, ao Paço Ducal, dirigido por Barroso da Fonte e aos estúdios da RTP, no Monte da Virgem.

Mas, nesse mesmo mês, outras actividades foram levadas a cabo, como a conferência de Victor Coutinho sobre o poeta barcelense Alfredo Carvalhaes, em 8 de Maio, e as de Barroso da Fonte e de Carlos Basto, em 29 deste mesmo mês, sobre jornalismo.

Os dois últimos números da “Avenida do Minho” tiveram a companhia de “O Lápis de Francisco Campinho”, e dos desenhos e caricaturas de Korber, pintor alemão radicado em Esposende.

No número três, o maior em número de páginas, além de inquéritos sobre o acordo ortográfico, surgem entrevistas ao Pe. António Pojeira e a Frei Miguel de Negreiros, mas também a Monsenhor Rocha Martins, Dom Prior de Barcelos. Nesse número, publicava as suas “Questões de Português”, que vieram a lume no “Barcelense” durante dez semanas consecutivas de 1991, e depois em livro.

No último dos três números que dirigiu, desejou uma longa vida à revista, o que tem vindo a concretizar-se:

“Gostaríamos que a Avenida do Minho fosse muito longe. Irá, por certo, se houver empenho...”

Por último, seja-nos permitida uma mensagem aos vindouros: Não temam as críticas! Surgirão sempre. Curvem-se apenas perante quem faz mais e melhor.”

Fazer mais e melhor tem sido a senda da “Avenida do Minho” e dos seus responsáveis.

Fundou outras revistas escolares

Anteriormente à publicação desta revista, Vale Ferreira já tinha fundado “O Farol”, da Escola Secundária de Monserrate, em 1979/1980 e a “Amanhecer”, da Escola Secundária de Barcelinhos(actual Barcelos), em 1982/1983.

Defensor da escola cultural, e lamentando a falta de revistas escolares no nosso concelho, afirmou: “Este espaço dilatado em freguesias, que é Barcelos, sente e respira o vácuo de as suas Escolas ainda não terem penetrado na Colectividade. Efectivamente, os binómios, carregados de vivacidade, Escola-Alvorada, Escola-Elo, Escola-Meio, enxergam-se como ausências merecedoras de um preenchimento.

Amanhecer pretende, de algum modo, atacar essas lacunas, desejando uma comunhão estreita da Escola com o Meio.”

Fundaria, depois, em 1992/1993, a “Diferença”, da Escola de Tecnologia e Gestão de Barcelos e “Olhares”, em 1996/1997, inserida na acção “Jornalismo na Escola”. Foi co-fundador do semanário vianense “Falcão do Minho”, em 1987, e publicou os seguintes livros: “Questões de Português” e “Flamas”, em 1994, e “Calimeras” e “Perfis I”, em 2001. Durante o ano de 1991 e 1992, foi ainda o principal redactor do semanário “O Barcelense”.

Vale Ferreira tinha pela sua profissão uma dedicação inexcusável. Escreveu a propósito: “O docente deve ser vivo, perspicaz, alegre, com sentido de humor. A sua tolerância está sempre a ombrear com a firmeza de carácter. O verdadeiro professor terá de possuir uma educação esmerada, alicerce da competência pedagógico-científica.”

Victor Pinho

“Avenida do Minho”, nº7, Junho de 2007

ÍNDICE



ÍNDICE

PREFÁCIO		5
DICIONÁRIO		11
A	A ALEGRIA	13
B	BRASIL	15
C	CÍRCULO CATÓLICO	16
D	DEVER CUMPRIDO	18
E	ESPERA	19
F	FAROL	20
G	GOSTOS E CONTRAGOSTOS	22
H	HEI-DE DEIXAR	27
I	IMPrensa ESCOLAR	28
J	JUIZ E BISPO	32
L	LATIM	33
M	MULHER	34
N	NO SOL DO ENTARDECER	36
O	OPÇÃO	37
P	PORTUGAL	38
Q	QUEM DEFENDE A LÍNGUA PORTUGUESA	39
R	ROSAS E ABELHAS	46
S	SOBRE AS CANTIGAS MONOGRÁFICAS DE LIJÓ	48
T	TIAGO	49
U	URGENTE	53
V	VIVA A ESCOLA!	54
X	XÊNIA	56
Z	ZUZUTO	57

POST SCRIPTUM		59
AMIGOS	Ilídio Barros	61
DE NOVO O FAROL	Agostinho Pereira	62
EDITORIAL	Nassalete Miranda	64
FALECEU O DR. JOÃO VALE FERREIRA	Vasco de Carvalho	65
VALE FERREIRA: O HOMEM DO SER	Victor Pinho	66
DR. JOÃO VALE FERREIRA, FALECEU O HOMEM, NÃO O POETA!	Artur Costa	71
ATÉ SEMPRE, VALE FERREIRA	Matias de Barros	74
MORREM CEDO AQUELES QUE OS DEUSES AMAM!	Maria do Pilar Figueiredo	76
TODOS ESTAMOS NO MUNDO DE PASSAGEM	Pe. Albino Faria	78
FALECEU O POETA JOÃO VALE FERREIRA	Barroso da Fonte	80
IN MEMORIAM DE UM AMIGO E COLABORADOR	José Bernardino	81
DR. JOÃO VALE FERREIRA POR ELE MESMO	Pe. Carlos Nuno Vaz	83
VALE FERREIRA: O FUNDADOR DA “AVENIDA DO MINHO”	Victor Pinho	84

Ao serviço da Universidade do Minho, foi Coordenador do Agrupamento Norte para a Formação em Serviço.

Dirigiu dois clubes de jornalismo: o da Escola Secundária de Arcozelo (actual Alcaides de Faria), nos anos lectivos de 1989/90 e 1990/91; o da Escola Profissional (actual Tecnologia e Gestão), em 1992/1993.

Foi director do Clube Escolar Teatro/Oratória, na Didálvi, de 1998 a 1991.

Fundou a Tertúlia Barcelense, em 14 de Março de 1996.

Em 1995, com outros, criou os jogos de futebol "Padres Presidentes". Estes concorreram, para que o 10 de Junho fosse o Dia de Lijó.

Fundou e dirigiu as revistas escolares:

Farol, da Escola Secundária de Monserrate, Viana do Castelo (1979) Amanhecer, da Escola Secundária de Barcelos (1983), Avenida do Minho, da Escola Secundária Alcaides de Faria (1989), Diferença, da Escola de Tecnologia e Gestão, Barcelos (1992) e Olhares, do Centro de Formação de Escolas do Concelho de Barcelos (1996), e foi co-fundador do semanário Falcão do Minho.

Publicou os seguintes livros:

Questões de Português (1994), Flamas (1994), Perfis I (2001), Calimeras (2001) e O Encanto de Ser Museu (2004)

Colaborou em diversos periódicos da Imprensa Regional.

Exerceu os seguintes cargos:

Foi Provedor da Real Irmandade do Senhor Bom Jesus da Cruz de Barcelos, de Dezembro de 2003 a Março de 2007.

Foi Presidente da Direcção e da Assembleia Geral do IPIR - Instituto Português de Imprensa Regional.

Foi Vice-Presidente da Direcção e Presidente do Conselho Fiscal do Círculo Católico de Barcelos e Presidente do Conselho Fiscal da Academia de Música de Barcelos.

POEMA

Vareja, poeta,
Os frutos sadios
Das sementes que espalhastes
Pela terra do poema.

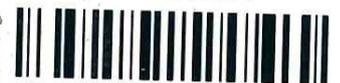
Recolhe
Os que ficaram no solo
Do pomar.

Festeja a sublimidade
Da entrega jucunda
Aos famintos do sonho
Risonho,
Onde a veia fecunda
Cumprimenta a pulcritude,
Em qualquer latitude.

Estes frutos-
- Produtos
São versos,
Embebidos de universos
De Sol e Luar.

Poeta,
Sê Poema!

biblioteca
municipal
barcelos



55043

Dicionário